

A PRODUÇÃO DA VOGAL FRONTAL ALTA DE TRAÇO [- TENSO] POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE PRODUCTION OF THE HIGH FRONT VOWEL WITH THE FEATURE [- TENSE] BY NATIVE BRAZILIAN PORTUGUESE SPEAKERS

Alessandra Mara de Assis*

Resumo: Este artigo analisa a variação na produção de vogais frontais altas do Inglês que possuem o traço [- tenso] por falantes de Português Brasileiro durante a aquisição de L2. Percebemos que alguns sujeitos produzem formas como l[I]v e outros que não conseguem produzir tal fonema, entretanto, o mesmo sujeito pode produzir a vogal desejada em um vocábulo e não fazê-lo em outro. Com base na Teoria de Traços Distintivos (CHOMSKY e HALLE, 1968) explicaremos o comportamento fonológico dessa vogal alta e como se dá a variação em sua produção. Explicaremos também porque a vogal frontal alta do Inglês com o traço [+ tenso] é alcançada mais facilmente.

Palavras-chave: fonologia; Inglês; L2; vogais altas.

Abstract: This article analyzes the variation in production of English high front vowels that have the feature [- tense] by native speakers of Brazilian Portuguese while they are learning English as a foreign language. It was possible to perceive that some subjects produce words like l[I]v and others can't pronounce such phoneme, however, the same subject can pronounce the aimed vowel once and fail to do that in another. Based on the Theory of the Distinctive Features (CHOMSKY and HALLE, 1968) we will explain the phonological behavior of this high vowel and how the variation in its production occurs. We will also explain why the English high front vowel with the feature [+ tense] is achieved more easily.

Keywords: phonology; English; EFL; high vowels.

Introdução

Neste artigo analisamos como falantes nativos de Português Brasileiro produzem a vogal frontal alta /I/ enquanto aprendizes de Inglês como língua estrangeira. Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado que estuda a interferência do Português como L1 em Inglês como L2 focando nos traços [+ tenso] e [- tenso], entretanto, nosso recorte será feito no sentido de explicar o que acontece com as palavras que possuem vogais com o traço [- tenso] e quais as variações produzidas pelos sujeitos de pesquisa.

* Professora Assistente de Língua Inglesa do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins/Campus de Araguaína. E-mail: Alessandra.massis@gmail.com

Analizamos dados de 15 informantes de um instituto de línguas da cidade de Uberlândia/MG, estudantes do curso de inglês em nível avançado. Os dados mostram que tais falantes, quando não conseguem produzir a vogal /I/ utilizam a correspondente do Português Brasileiro /i/, por ser o fonema com características fonético-articulatórias mais próximas do fonema desejado. Mostraremos também, quais contextos facilitam e quais dificultam a produção de tal fonema.

A próxima seção apresenta a perspectiva teórica a ser adotada (CHOMSKY and HALLE, 1968). As demais seções do artigo apresentam a metodologia, a análise dos resultados obtidos e as conclusões.

I. Perspectiva Teórica

A teoria de traços distintivos elaborada por Chomsky e Halle (1968) define os traços por uma matriz de natureza bi-dimensional que está em uma relação bijetiva com o fonema, ou seja, se a matriz de traços desaparece, com ela desaparece o fonema e vice-versa. Os traços serão definidos por [+ traço distintivo] ou [- traço distintivo], por exemplo, o fonema pode ter o traço [+ sonoro] ou [- sonoro]. Desta forma, dois segmentos serão distintos se, pelo menos, um de seus traços for diferente como se pode ver no exemplo dado por Matzenauer (2005. p.30)

t		d
- soante - contínuo + coronal + anterior - metástase retardada - sonoro		- soante - contínuo + coronal + anterior - metástase retardada + sonoro

A comparação entre as duas matrizes mostra claramente como funciona a relação bijetiva, pois, com a transformação de apenas um traço muda-se o fonema, assim sendo, a distinção entre /t/ e /d/ é feita somente pelo traço de sonoridade já que /t/ é [- sonoro] e /d/ é [+ sonoro].

Na teoria de Chomsky e Halle (1968) há a definição de várias classes: 1) Traços de classe principal; 2) Traços de cavidade; 3) Traços de fonte; 4) Traços prosódicos e 5) Traços de modo de articulação.

Para conduzir a pesquisa que originou este artigo foram destacados os traços de modo de articulação, assim sendo, apenas faremos menção às outras várias classes. A primeira classe será dividida considerando-se o fechamento ou não do trato vocal, portanto, o estado fechado em contraposição a aberto acarretará a distinção das três maiores classes de segmentos: soante, silábico e consonantal.

Os segmentos com o traço de cavidade [+ anterior] serão marcados pela obstrução de ar na parte anterior da boca, desta maneira há uma interrupção da corrente de ar na parte frontal da boca, por outro lado, os segmentos com o traço [+ coronal] serão produzidos com a coroa da língua, desse modo a frente da língua se adianta enquanto o corpo da língua está em repouso.

Os traços de fonte são: [sonoro] e [estridente]. Os segmentos de traço [+ sonoro], ou vozeados, são sons produzidos com vibração das cordas vocais, os sons que não apresentam esta vibração são chamados de [surdos] ou [desvozeados]. Os segmentos que possuem o traço [+ estridente] possuem um ruído estridente produzido pela passagem do ar através de uma obstrução parcial na cavidade oral, segmentos como /s/ e /z/ possuem o traço [+ estridente].

Os traços prosódicos são [acento], [tom] e [duração]. O acento marca as sílabas fortes das palavras, o tom mostra a mudança de altura na produção dos sons e a duração mostra se um tom é mais curto ou mais longo, ou seja, se utilizará uma ou duas unidades de tempo. No Português Brasileiro os traços de tom e duração não transmitem diferença de significado.

Há três traços diferentes quanto ao modo de articulação: [contínuo], [metástase retardada] e [tenso]. Os segmentos que possuem o traço [+ contínuo] podem ser prolongados, aqueles com o traço [+ metástase retardada] possuem primeiramente um bloqueio na saída do ar e depois ele é liberado com explosão. Já o traço de modo de articulação [+ tenso] é caracterizado por um maior esforço muscular na sua produção do que o necessário para a produção de um traço [- tenso].

Discorreremos um pouco mais sobre o traço [tenso] por este ter sido essencial para o desenvolvimento do trabalho.

Como já dito, é necessário um esforço muscular maior para a produção de um fonema com o traço [+ tenso] do que um que possua o traço [- tenso], que será executado com um gesto mais superficial, ou seja, tão logo ele é executado a musculatura voltará para um estado de relaxamento.

Os fonemas caracterizados pelo traço [+ tenso] desviam-se mais da posição neutra, ou posição de repouso do que os fonemas [- tenso], portanto, serão mais longos e de maior intensidade, terão uma definição maior em sua ressonância e serão mais audíveis que os

segmentos caracterizados pelo traço [- tenso]. Por exemplo, a constrição da língua na produção do fonema [+ tenso] /i/ é mais estreita que aquela que ocorre na produção do fonema [- tenso] /I/. Quanto maior o esforço articulatório maior a duração e a marcação do segmento produzido.

Como a língua estará livre na produção de uma vogal com o traço [- tenso], ela poderá sofrer influência de segmentos adjacentes ocasionando mudanças no segmento produzido.

A tensão não é traço distintivo em Português Brasileiro, desta maneira, muitos falantes nativos desse idioma encontram dificuldades para reconhecer e produzir as vogais /I/ e /i:/ já que a primeira possui o traço [- tenso] e é uma vogal curta e a segunda, ao contrário, possui o traço [+ tenso] e é uma vogal longa. Como tais aprendizes não são familiarizados com o conceito de tensão não conseguem diferenciar as duas vogais.

Como já explicado anteriormente, este artigo é parte da dissertação de mestrado que analisou as vogais frontais altas com os traços [+ tenso] e [- tenso] e tal pesquisa foi motivada pela queixa dos alunos ao se depararem com palavras que deveriam ser diferenciadas por tais traços e que, para eles não possuíam diferença alguma. A não distinção destes traços pode fazer com que o falante diga a mesma coisa para palavras completamente diferentes e causar uma interpretação distinta da pretendida ou até mesmo causar incompreensão entre sujeitos. Tal confusão pode ser agravada caso o aprendiz esteja inserido em uma situação mais formal como, por exemplo, uma entrevista de emprego feita em língua inglesa ou em uma apresentação em um congresso, na qual poderá transmitir informações diferentes das conclusões de seu trabalho.

Este artigo contribui com a discussão sobre o traço de tensão existente na literatura, mostra os contextos em que a produção da vogal frontal alta [I] foi privilegiada e explica o que ocorre quando tal vogal é substituída por outra. Na seção seguinte descrevemos a metodologia empregada no trabalho.

II. Metodologia

Neste trabalho analisamos dados de 15 informantes, sendo 6 homens e 9 mulheres, todos na faixa etária entre 18 e 35 anos. Todos eram brasileiros natos sem nunca terem morado no exterior ou ter alguém na família que fosse nativo de língua inglesa, aprenderam Inglês no Brasil e estavam em um nível avançado do curso. Todos estudavam há, no mínimo quatro anos, estando assim, no curso avançado de Inglês. O objetivo que tínhamos ao escolher

alunos do curso avançado era pesquisar se a dúvida quanto ao traço de tensão se mantém até mesmo nos últimos níveis do aprendizado.

A elaboração do instrumento de coletas de dados se deu da seguinte maneira: com a ajuda dos dicionários *The American Heritage* (1994), *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (1995) e *Collins Cobuild English Dictionary* (2003) buscamos palavras nas quais teríamos a ocorrência da vogal alta com o traço [+ tenso] em contraposição com palavras nas quais apareceria a vogal alta com o traço [- tenso]. Em seguida elaboramos exercícios nos quais tais palavras seriam checadas de acordo com a percepção que os alunos possuísem delas e, também, a produção dos aprendizes quando lendo ou pronunciando as palavras de maneira espontânea.

Com o objetivo de testar a percepção e a produção das vogais altas /i:/ e /I/ pelos alunos, elaboramos um instrumento de coleta de dados dividido em cinco partes: 1) entrevista; 2) lista de pares mínimos para leitura; 3) um parágrafo para leitura; 4) um parágrafo com preenchimento de lacunas e leitura e 5) exercício de reconhecimento de pronúncia. Os quatro primeiros itens do instrumento de coleta de dados foram preparados para checar a produção dos fonemas pelos informantes e o último foi pensado para testar a percepção.

Neste artigo apresentaremos um recorte feito a partir dos testes de produção, relacionados à vogal frontal alta com o traço [- tenso], para tanto, explicaremos como foi feita a coleta de dados em relação aos dados de produção, a discussão sobre os dados de percepção poderão ser apresentados em outro momento.

A primeira parte da coleta de dados foi uma entrevista composta de perguntas abertas sem controle lingüístico algum para que os informantes pudessem responder o que quisessem, desta forma, poderíamos obter os fonemas alvos da pesquisa de maneira espontânea. Foram feitas perguntas como *Where are you from?* (De onde você é?), *Tell me a little bit about your hometown*, (Fale um pouco sobre a sua cidade natal), *What are the best memories of your childhood?* (Quais são as melhores lembranças de sua infância?).

Durante a entrevista muitas palavras ocorreram, porém, algumas se repetiram, como *living* (vivendo, morando) e *English* (Inglês). É importante destacar que, na maioria das vezes em que apareceram foram pronunciadas como /i/, como em: *English* (Inglês) → [i]ngl[i]sh, *since* (desde) → s[i]nce e *living* (vivendo, morando) → l[i]v[i]ng.

Na segunda parte da coleta de dados os informantes recebiam uma lista de palavras contendo pares mínimos que contemplavam os fonemas /i:/ e /I/. Aos informantes era pedido que lessem os pares de palavras. Durante a leitura percebemos uma forte interferência do Português Brasileiro já que os informantes produziam muitas palavras da lista com a vogal frontal alta /i/ como faziam em sua língua nativa. Portanto, palavras como *bead* (contas de colar) e *bid* (lance em leilão) que deveriam ser produzidas com /i:/ e /I/ respectivamente eram produzidas com /i/: b/i/d e b/i/d, não havendo diferenciação entre elas.

A terceira estratégia usada para obtenção de dados foi a leitura de um parágrafo pronto que continha várias palavras com os fonemas /i:/, /I/ e /i/ elaborado a partir do livro de Trim (1975). As palavras foram distribuídas aleatoriamente no parágrafo para que não houvesse indução a nenhuma pronúncia específica com o intuito de detectar se ocorreria interferência da língua nativa do informante. Parte do parágrafo em questão pode ser visto em (1):

(1)

“Freda lives in a little cabin near Linda. They are great friends. They love to go out together, specially when they leave home to go shopping.”¹

Na quarta parte da coleta de dados de produção era dado aos informantes outro parágrafo para leitura, porém, esse possuía lacunas que deveriam ser preenchidas antes da leitura em voz alta. Após escolherem as palavras que consideravam apropriadas para cada lacuna os informantes deveriam ler o parágrafo. Em (2) podemos ver o início do referido parágrafo:

(2)

“Stephen _____ Eve one evening in front of a _____ and invites her to have
meets / sits *meal / mill*
a _____ with him.”
*meal / mill*²

Nesta atividade a interferência do Português Brasileiro se apresentou muito forte, pois, tanto vogais com o traço [+ tenso] quanto [- tenso] foram produzidas com /i/.

¹ Glossário: “Freda vive em uma pequena cabana perto de Linda. Elas são ótimas amigas. Elas adoram sair juntas, especialmente quando elas saem de casa para ir às compras.”

² Glossário: “Stephen encontra/senta Eve uma noite em frente a um refeição/moinho e a convida para uma refeição/moinho com ele.”

Na seção seguinte apresentamos a análise estatística dos dados referentes à produção do fonema /I/

III. Análise

O programa de análise estatística utilizado neste estudo foi o GOLDVARB (Windows). Por meio desse programa, os dados obtidos foram organizados considerando a variável estudada. Devemos ressaltar a importância de tal programa estatístico para que chegássemos a informações precisas, quando da avaliação dos dados desta pesquisa.

Neste artigo apresentamos os resultados obtidos quanto à produção da vogal /I/. Analisemos, portanto, a Tabela 1.

Tabela 1 - Ocorrências do fonema /I/ com *Knockouts*

Palavras com /I/	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /I/	live – l/I/v	1962	117	6%
Produzidas como /i/ ou outro fonema	live – l/i/v e l/ai/v	1962	1845	94%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

A Tabela 1, acima, mostra o primeiro resultado obtido em relação à vogal alta com o traço [-tenso] /I/. No total de 1962 *tokens*, apenas 117 palavras foram produzidas com a vogal /I/, ou seja, apenas 6% de todas as palavras que possuem esse fonema foram devidamente pronunciadas pelos informantes.

Alguns fatores dentro das variáveis não apresentaram aplicação alguma. Foram obtidos *knockouts* em todos os grupos na análise da vogal /I/. Na variável Contexto Precedente, o fator vogal apresentou *knockout* assim como os fatores elencados a seguir: em Contexto Seguinte (líquida não lateral e vogal), na variável Tamanho do Vocábulo (trissílabos e polissílabos), na variável Acento (pretônica e postônica) e, na variável Posição na Palavra (sílabo medial). Dessa maneira tivemos que conduzir uma segunda rodada observando esses dados para que pudéssemos obter resultados sem *knockouts*, como podemos ver na Tabela 2.

Tabela 2 - Ocorrências do fonema /I/ sem Knockouts

Palavras com /I/	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /I/	live – l/I/v	1598	117	7,3%
Produzidas como /i/ ou outro fonema	live – l/i/v e l/ai/v	1598	1481	92,7%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

A análise da Tabela 2 permite-nos observar que em 1598 *tokens* o fonema /I/ foi devidamente pronunciado 117 vezes, ou seja, em apenas 7,3% das manifestações. Estes dados nos mostram que o fonema /I/ sofre ainda mais interferência do PB na sua produção que o fonema /i:/, pois esse apresentou uma manifestação de 22,1%.

Concluimos por meio da análise estatística do programa GOLDFARB, que o fonema /I/ é ainda mais difícil de ser produzido pelos informantes do que o fonema /i:/, pois em 92,7% as ocorrências os informantes produziram esse fonema como /i/ do Português Brasileiro ou ainda como outro segmento. Uma explicação fonológica para esse fenômeno é o fato de que as características fonético-articulatórias da vogal /I/ estão ainda mais distantes de /i/ do que a sua correspondente longa /i:/, já que /I/ possui o traço [-tenso] e as outras duas possuem o traço [+tenso].

A vogal frontal de traço [+tenso] /i/ é mais alta que aquela que possui o traço [-tenso], ou seja, /I/ e essa não faz parte do inventário de vogais do PB.

Passemos agora para a análise da vogal /I/ quanto aos pesos relativos das variáveis. Começaremos pela variável Contexto Seguinte como mostra a Tabela 3.

Tabela 3 - Variável Contexto Seguinte

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Contexto Ø	79	2	2,5%	0.970
Líquida Lateral	109	21	19,3%	0.698

Oclusiva	619	69	11,1%	0.574
Fricativa	244	13	5,3%	0.377
Nasal	547	12	2,2%	0.314

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na variável Contexto Seguinte, o fator que aparece com o maior peso relativo e, portanto, apresenta-se como favorecedor do aparecimento da vogal /I/ é o contexto seguinte vazio, ou seja, quando não há nenhum outro segmento depois da vogal /I/. O peso relativo deste fator foi de 0.970 representando quase que a totalidade das manifestações. Um exemplo de palavra com o contexto seguinte vazio é *city* (cidade).

A líquida lateral apresentou o segundo maior peso relativo (0.698), porém não tão alto quanto o contexto vazio. Esse dado coloca a líquida lateral em contexto seguinte como o segundo fator mais favorecedor da produção da vogal /I/. A palavra *hill* (morro, montanha pequena) é um exemplo de líquida lateral seguindo a vogal /I/.

As oclusivas apresentam peso relativo bem próximo ao ponto neutro (0.574), não se caracterizando assim como fator favorecedor, tampouco como inibidor do fenômeno. *Did* (passado do verbo *to do* – fazer) e *six* (seis) são exemplos de palavras com oclusivas seguindo a vogal /I/.

As fricativas e as nasais surgiram com peso relativo abaixo do ponto neutro, mostrando, serem fatores que inibem a produção da vogal /I/ e não ajudam em sua manifestação. Os pesos relativos das fricativas e das nasais foram 0.377 e 0.314, respectivamente. Exemplos de palavras com fricativas seguindo a vogal /I/ são *his* (dele) e *if* (se), e, palavras com nasais seguindo a mesma vogal são *cabin* (cabana) e *sin* (pecado).

Tabela 4 - Variável Contexto Precedente

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Líquida Lateral	213	16	7,5%	0.723
Líquida não lateral	60	8	13,3%	0.646
Oclusiva	402	35	8,7%	0.541

Fricativa	494	42	8,5%	0.518
Nasal	91	8	8,8%	0.468
Contexto Ø	338	8	2,4%	0.273

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na variável Contexto Precedente, o fator que mais favorece o aparecimento da vogal /I/ é a líquida lateral, pois seu peso relativo é de 0.723, sendo o maior peso relativo neste contexto. A palavra *little* (pequeno) é um exemplo da vogal /I/ precedida por uma líquida lateral. Isso ocorre, provavelmente, pela influência do traço coronal que a líquida lateral possui, pois o /I/, é produzido um pouco atrás do /i:/, assim sendo, a movimentação da língua é no sentido palato – parte posterior da boca.

A líquida não lateral possui o peso relativo 0.646, e isso que mostra que ela é um fator facilitador da manifestação da vogal /I/, porém não tão alto como a líquida lateral. Exemplos de palavras que possuem líquida não lateral em contexto precedente a vogal /I/: *riff* (frase rítmica), *repeat* (repetir) e *rip* (livrar-se de).

As oclusivas e as fricativas tiveram seus pesos relativos em 0.541 e 0.518 respectivamente, ou seja, pesos relativos bem próximos do ponto neutro, mostrando, assim, que não influenciam na produção da vogal, isto é, não facilitam nem inibem a produção da vogal /I/. Palavras como *bit* (pouco) e *pill* (pílula) são exemplos de oclusivas precedendo a vogal /I/, e *fill* (encher, preencher) e *fit* (cabem, servir) são exemplos de palavras com fricativas antecedendo a vogal /I/.

As nasais apresentaram um peso relativo baixo, bem próximo do ponto neutro 0.468 não podendo, assim, serem consideradas um fator favorecedor da manifestação da vogal em estudo. Palavras como *knit* (tricotar) e *mill* (moinho) possuem uma nasal antecedendo a vogal /I/.

O menor peso relativo obtido dentro da variável Contexto Precedente foi o fator contexto zero, que apresentou um peso relativo de 0.273. Esse resultado mostra que o contexto precedente vazio, ou seja, nenhum fonema precedendo a vogal /I/, é o maior fator inibidor da produção desta vogal. Palavras como *eleven* (onze), *English* (inglês) e *explain*

(explicar) são exemplos de contexto precedente vazio. Acreditamos que isso ocorre porque não há nenhuma consoante no ataque da sílaba, desse modo, não há nenhum outro segmento para ajudar influenciar a produção da vogal /I/, levando suas características para tal vogal, portanto, o falante a produzirá com os traços que já conhece da vogal /i/ do PB.

Verifiquemos a seguir, o que acontece com a variável Tamanho do Vocábulo, por meio dos dados mostrados na Tabela 5.

Tabela 5 - Variável Tamanho do Vocábulo

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Monossílabo	1166	115	9,9%	0.811
Dissílabo	432	2	0,5%	0.019

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Verifica-se, nesta tabela, que o peso relativo dos monossílabos é de 0.811, portanto, podemos afirmar que eles favorecem a ocorrência da vogal /I/, em oposição aos dissílabos que possuem um peso relativo de 0.019. No entanto, devemos ressaltar que, mesmo com uma vantagem em relação aos dissílabos, os monossílabos ainda não garantem a manifestação da vogal produzida como no Inglês, pois, em apenas 9,9% dos casos ela apareceu. Exemplos de monossílabos que possuem a vogal /I/ são *it* (pronome neutro – ele, ela) e *give* (dar) e dissílabos com a mesma vogal: *until* (até) e *Spanish* (espanhol).

Para esse fato apresentamos a seguinte hipótese: o monossílabo é acentuado e por isso sofre menos processos fonológicos, como vemos na tese de Beckman (1998), na qual a autora explica que há posições nas palavras privilegiadas em relação a outras e, a posição acentuada sofre menos processos que a átona, como os monossílabos aqui estudados são todos tônicos, são privilegiados por essa característica permanecendo a produção da vogal sem mudança.

A hipótese que aventamos para explicar essa ocorrência é o fato de as consoantes que fecham a sílaba da maioria dos monossílabos apresentados serem uma oclusiva ou uma fricativa. Isto significa que elas possuem uma constrição total, no caso das oclusivas, e, parcial, no caso das fricativas, eliminando, assim, a possibilidade de um alongamento da vogal e interrompendo sua duração de uma maneira mais abrupta do que uma líquida faria.

Dessa forma, a tensão do aparelho fonador cessa mais rapidamente que nos outros casos, produzindo, desse modo, uma vogal considerada mais frouxa com o traço [-tenso].

A Tabela 6 traz os dados da variável Posição na Palavra, e nos mostra se a vogal estudada está em sílaba inicial, medial ou final da palavra.

Tabela 6 - Variável Posição na Palavra

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Sílaba Final	1347	115	8,5%	
Sílaba Inicial	251	2	0,8%	

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Este grupo – variável Posição na Palavra – foi eliminado na fase de *Stepping down*, portanto não são registrados pesos relativos para esta variável, porém, a partir das porcentagens, podemos tirar algumas conclusões. A vogal em sílaba final aparece em 8,5% das ocorrências em oposição à sílaba inicial, na qual a vogal é pronunciada como /I/ somente em 0,8% dos casos. Isso mostra que a sílaba final favorece a manifestação da vogal /I/ em relação à sílaba inicial, porém, nos dois casos a ocorrência ainda é muito baixa, pois os informantes pronunciaram o /i/ do Português Brasileiro ou outro fonema em mais de 90% das ocorrências. A palavra *anything* (qualquer coisa) possui a vogal /I/ em sílaba final e a palavra *eleven* (onze) em sílaba inicial.

Em alguns momentos os aprendizes efetuam a troca dos fonemas estudados por outros que não o /i/, algumas vezes, detectamos o fonema /ε/, outras ainda ditongos como /ei/ e /ai/. Tais situações foram analisadas ao longo da dissertação que originou este artigo, porém aqui não serão contempladas.

Conclusão

A análise estatística foi de grande relevância para as conclusões alcançadas na pesquisa aqui discutida uma vez que possibilitou-nos quantificar os fenômenos lingüísticos e demonstrar por meio de pesos relativos aquelas variáveis que mais favorecem, ou, ao contrário, aquelas que mais inibem os fonemas que pesquisamos, de forma que, não poderíamos nos furtar a ela, pois isso, certamente, influenciaria a precisão dos resultados.

Concluimos que o contexto no qual o fonema se encontra influencia na sua produção e o contexto que mais favorece a produção do vogal frontal alta [-tenso] é o contexto seguinte vazio, ou seja, quando não há nenhum outro segmento após a vogal /I/. Este fator obteve um peso relativo de 0.970, o que representou quase que a totalidade das manifestações.

Segundo Nobre-Oliveira (2007), “quanto maior a distinção fonética entre dois sons mais dificuldade o aprendiz terá em produzir o novo”. Os dados obtidos na pesquisa corroboram a afirmação da autora visto que o fonema /I/ aparece poucas vezes em relação ao fonema /i:/ e menos ainda quando comparado a /i/. Os informantes, quando tinham que pronunciar um fonema com o qual ainda não estavam familiarizados, produziam tal som de maneira bem próxima aos de sua língua materna.

Referências bibliográficas

AMERICAN HERITAGE DICTIONARY. 3ª edição. New York. Laurel, 1994.

ASSIS, Alessandra Mara *A interferência fonológica do Português – L1 – na aquisição de Inglês – L2. Os traços [+ tenso] e [- tenso]* . Dissertação de Mestrado. Uberlândia, 2008.

BECKMAN, Jill N. *Positional Faithfulness*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts. Massachusetts. 1998.

CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

COLLINS COBUILD ENGLISH DICTIONARY. London: Harper Collins Publishers, 2003.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2005.

NOBRE - OLIVEIRA, Denize *The Effect of Perceptual Training on the Learning of English Vowels by Brazilian Portuguese Speakers*. Tese de Doutorado UFSC. Florianópolis, 2007.

OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY. 5ª edição. Oxford: Oxford University Press. 1995.

TRIM, John *English Pronunciation Illustrated*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

Recebido em março de 2012.

Aceito em abril de 2012.